

Acidente de Percurso

Autor: Marcelo Gomes

“**N**ão podia acreditar no que estava me acontecendo! Como pude me distrair daquela forma? Sentia uma inenarrável e lancinante dor que me enlouquecia. Parecia-me que meu peito se quebrara e meu coração cessara de bater. Isso jamais havia me acontecido. Nunca imaginei ser tão imprudente assim. Como poderia sair daquela ridícula e dolorosa situação? Se não tivesse já agastado e atordado pelo choque de meu corpo contra o painel do carro ou se minhas pernas estivessem livres... Não estavam. Na verdade, já estava até sentindo que elas adormeciam. Estaria eu perdendo muito sangue? Não dava para saber, mas a julgar pela poça que via se estendendo no assoalho do carro tudo parecia perdido. Iria morrer em breve! Não era preciso ser médico para avaliar a situação crítica em que me encontrava. Tinha eu esposa, três filhos maravilhosos e morreria ali, daquele jeito jocoso e abandonado. Não teria ninguém por testemunha para que eu pudesse confidenciar meu sofrimento e minhas derradeiras palavras seriam movidas pela consciência momentânea gerada pelos primeiros e últimos lampejos de lucidez. Dava para sentir que uma parte do meu sangue não se esvaía pela artéria femural, pois ainda irrigava meus tecidos nervosos centrais.

Quanto me restaria ainda de vida? Quinze minutos, meia hora, uma hora? De repente este exíguo pedaço de tempo me pareceu tão importante, tão precioso, que poderia até me dar por feliz se pudesse ganhar ainda uns vinte minutos. Logo eu que desperdiçara tantas horas com tantas tolices... Mas de que me adiantaria adquirir um bônus extra como aquele, se nada pudesse fazer ou dizer naqueles poucos minutos? Pensei que morreria incógnito ali naquela mata, sem ninguém para partilhar de minha derradeira visão de mundo. Precisava encontrar alguma forma de me comunicar, de estender aquela minha inexpressiva

— até então — existência, a fim de legar algo para alguém. Nem que fosse a meus filhos. Como fazê-lo?

Tive vontade de gritar e gritei. Soltava berros estrondosos a esmo, mas sabia que ninguém me ouviria. Onde eu estava não se encontrava ninguém. Sabia que a estrada na qual trafegava antes do acidente era erma e que aquela região do mundo era desabitada. Não havia ninguém a quem clamar. Também ninguém poderia me ver naquele local. Estava eu tão oculto quanto as intenções de Abraão ao subir com seu filho as montanhas escarpadas de Moriá. Caí numa ribanceira e meu carro ficara ocultado em meio às folhagens daquela vegetação informe. Parecia uma viagem tranqüila, apesar de meus faróis apresentarem defeitos e não possuir luz alta. Maldita seja aquela curva e maldita seja aquela coruja que me fez assustar e ter um reflexo involuntário. Como conceber que eu fôra assustado por uma mísera ave noturna? Por causa dela me encontrava neste estado. Contudo, sabia que meu problema agora não era avaliar o absurdo da causa de meu acidente, mas sim o que eu poderia fazer para deixar registrada ao menos uma última impressão da minha vida. Uma impressão auspiciosa e que fizesse meus herdeiros se orgulharem de meus preciosos atos e que deixasse um acréscimo à humanidade. Não queria ser visto como a um punguista, que vem e tira mais da humanidade do que lhe restitui.

Contorcia-me e não havia nada a minha volta. Nenhuma ferramenta a ser utilizada na vã tentativa de me libertar. A lua repousava em seu manto negro de espessas nuvens e, assim, resolvi ligar a lâmpada interna do carro. Não havia nada ao meu redor a não ser minha pasta de negócios. Sabia que ali se encontravam apenas uma simples caneta, algumas apólices e um maço de papéis em branco. Nada poderia me tirar dali. Forcei a porta; tentei quebrar a direção; almejava agora separar as ferragens de minhas pernas usando minhas próprias e escassas forças, mas nada dava resultado. Sentia a lataria se imiscuindo e se fundindo à minha carne flácida numa recriação assustadora do humano. A trava de segurança da porta que até então era minha aliada se voltava agora contra mim. O vidro elétrico não funcionava. Nada daquilo que julgava ser benéfico até

aquele acidente se me apresentava como tal. Naquela noite tive uma outra impressão sobre nossos supostos aliados.

Olhei novamente para aquela valise profissional. Abri-a e agarrei aquele chumaço de papéis em branco e a caneta. Se não podia efetivamente fugir daquela situação, então não me restava nenhuma outra alternativa que não fosse a tentativa de deixar uma última palavra, uma última lembrança de tudo o que eu era. Era impressionante como em determinadas situações as máscaras de nossas ilusões caem de forma irrefragável. Todos nós cultivamos o devido sentimento realista de que iremos morrer um dia. Todos nós sabemos que um dia passaremos, mas a sensatez da maioria joga esta certeza para um confortável fundo de baú ou para um intocável momento futuro que parece não encontrar concretude em nossas estruturas cognitivas pragmáticas, e, assim, se vacinam contra os efeitos colaterais desta certeza. Acreditamos piamente na eficácia de nossa força moral ao fingirmos enfrentar essa cruel realidade e esse axioma existencial. Contudo, basta-nos o mais simples bafejar da morte para desabarmos... Desabei. Chorava copiosamente, visto que minhas tentativas de sair daquela situação soçobraram. Julgava-me um mestre na arte da sobrevivência, mas quando essa minha suposta habilidade foi empiricamente testada, falhou. Nossa tendência em vida é sempre tecermos um alto juízo sobre nós mesmos, cultivando uma vã ilusão sobre nossas reais potências, mas tudo isso veio abaixo naquele momento. A minha efemeridade aparecia em forma de pequenas gotas rubicundas naquele assoalho que, até então, se apresentava impecavelmente limpo. Até ali minha família me parecia um belo e cultivado jardim florido, mas naquela noite a flor central iria emurcheçar antes do tempo.

Assim, após ter-me recomposto do susto inicial que a certeza da morte causava, endireitei-me no banco dianteiro daquele deformado carro e propus-me a escrever. Que melhor e mais oportuna coisa que um bilhete dizendo a verdade do quanto eu os amava? Sim, expressar-me-ia neste bilhete colocando ali todo meu sentimento por eles. Diria de forma límpida e irretorquível: Eu vos amo!...

Mas que diabos diz isso afinal? Todo mundo já disse algum dia “eu te amo”, mas o que isso expressaria de mim que demonstrasse ser eu diferente de

qualquer outro ser humano naquele exato momento? Essa frase me soava agora como uma frase que habita a boca de todo aquele que não tem nada mais a dizer. Uma boca ressequida que se descama pela aridez da alma. Eu não poderia ser assim, pois tinha algo a dizer... Eu deveria ter algo inusitado a dizer! Não poderia ser uma simples frase tal como aquela, posto que para mim agora isso soava como mero subterfúgio formal sem conteúdo vivo; uma estratégia que era usada de forma sub-reptícia por todo aquele cuja essência igualmente expressa a ausência de conteúdo. Eu precisava me colocar de forma a não deixar dúvida de que os amava sim. Mas que maior prova de amor do que deixar algo impar e que jamais tenha sido proferido? Eu precisava estender minha existência e aquele bilhete simples, contendo um simples “eu vos amo” soaria como uma mera extensão de um sentimento universal que pouco me definiria. Não seria algo singular, algo que levasse minha indelével marca. Que fazer então? O tempo urgia e se voltava contra os raciocínios morosos. Resolvi por bem que escreveria minha breve história. Escreveria meus doces momentos. Escreveria minhas paixões e saudades que já batiam à porta de meu coração. Escreveria à minha família, minha mulher e principalmente meus filhos sobre coisas inefáveis que jamais havia eu revelado publicamente. Descreveria a minha matéria íntima, a substância da qual minha existência era plasmada. Sabia muito bem que em certos casos de enfermidade, nos quais um pai sabe que irá morrer antes de ver seus filhos crescidos, deixa o moribundo algo escrito ou gravado a eles. Uma herança cultural, um legado de vida. Era o que eu faria ali naquele momento adverso e com o tempo que me restava. Esse seria meu último e derradeiro projeto de vida: deixar um legado moral e existencial aos meus filhos!

Sim, eu possuía três filhos maravilhosos. Eram um pouco distintos entre si e justamente essa disparidade de gênio era o que tornava minha família um conjunto harmônico. Por isso, precisava dizer algo que fosse afinado e inteligível àqueles díspares olhares sobre a vida. Como fazê-lo? Um deles, o mais velho, sofria de um mal congênito. Era um pasmado, mas muito prestativo. Possuía o que Nietzsche chamaria de “espírito de rebanho”. Mas exatamente por essa razão é que era uma alma atenciosa e gentil. Meu predileto. Facilmente manipulável e

dócil para com meu jugo. Já o do meio, em plena adolescência, era o incoseqüente. Tão incauto para com as conseqüências de suas ações que mais se assemelhava ao Sr. Meursault, aquele de O Estrangeiro. Quanto ao caçula, esse sim era o diabo. Tão estranho que muitas vezes os irmãos o chamavam de “esquisitão”. Tão esquisito que sequer se importava com esta chacota. Se houvesse uma aproximação literária, poderíamos dizer sem pejo ou arrependimento que ele estaria entre um personagem de Poe e Gregor Sansa — depois da transformação, obviamente.

O que então eu poderia dizer para estas figuras tão díspares? Como abordar um assunto tão penoso e melancólico quanto um discurso quase póstumo? Começaria com uma definição do objeto (no caso, eu). Iria detalhar quem eu era e o que eu concebia como bom e justo. Melhor ainda, iria começar por falar sobre minha vida, mas não como uma coleção de fatos isolados que formam o desconexo mosaico de nossa existência cotidiana, mas algo que fosse essencial. Procuraria descrever a quinta-essência de meu ser, de minha vida. Não dispunha de muito tempo e minha ação deveria se pautar pelo pragmatismo. Não dava para me preocupar com formas, mas apenas com conteúdo. Vasculhei todos os recantos de minha vastidão neural. Busquei reativar toda a potência de minhas sinapses. Virei minha memória do avesso a fim de encontrar ali um fato, um liame que iria me conduzir pelas sendas gloriosas de uma existência cheia de sentido. Encontrei apenas o vazio... E não porque o momento era crítico. Não tinha nada a ver com o momento. Não foi o choque que esvaziou por completo minha cabeça e dissipou toda a minha essência. Simplesmente ocorreu-me que no meio de minha ensandecida busca, eu encontrei apenas o VAZIO.

Não é que eu não estivesse encontrando naquele momento nada de importante a ser legado naquelas alvas folhas de papel. Simplesmente minha vida é que era mesmo insignificante. Meu cotidiano era uma coleção de lugares comuns. Minha existência, uma forma pastosa de incongruências vividas entre o látigo de minhas ambições mesquinhas e as realizações igualmente comezinhas de uma vida padronizada pelo verdadeiro autor daquela miserável obra. Tive a certeza naquele momento de que não me sentia vazio devido ao meu traumático e

doloroso acidente. Simplesmente sentia-me vazio porque era vazio: um compósito de reflexos condicionados socialmente.

Eu sempre senti que tinha tudo. Achava que tivesse tudo, mas não tinha nada. Amava minha esposa e meus filhos, mas um sujeito não se define pelo que sente, e sim pelo que é... E não era nada! Um nada que sentia amor. Um nada que tinha propensões biológicas ou sociais de retribuição dos estímulos amorosos porque sabia em seu interior dos benefícios utilitários da retribuição altruísta. Um nada; uma “não-existência” que amava a existência de longe. Enfim, um homem ordinário numa vida ordinária. Destarte, me sentia como um parasita da cultura humana que sugava uma ínfima parte de sua vicejante seiva sem que lhe retribuísse algo. Sim, usava relógio, — estava com um neste momento — mas não sabia como este operava. Utilizava várias coisas em meu moderno cotidiano, mas jamais soube como estas coisas funcionavam. Nunca criei nada novo. Apenas gerei três filhos em um incontido e pueril instinto quase involuntário, mas dado que era um chefe de família ausente, sequer possuo hoje a certeza de que realmente foram obras minhas.

Pensar deste viscoso modo me trouxe até um pouco de relutância ao continuar com meu intento. Por que haveria de deixar algo repleto de sentido para meus filhos se sequer cultivava agora a plena certeza de que eram meus rebentos? Precisava me concentrar e voltei a pensar na minha existência. Que maldita situação! Por que fui levado a me encontrar neste estado? Lembro-me... A maldita coruja no meio da estrada! Estava tão feliz. Logo agora que me regozijava e me gabava de ter fechado mais um excelente negócio — do ponto de vista financeiro... Lembrava-me de estar alegre e satisfeito até aparecer aquela nefasta coruja e me tirar da rota, da segurança de uma estrada já traçada. Tudo parecia perfeito. Não obstante, agora tudo se esvai e já não vejo a perfeição que via outrora. Começava a acreditar que meu fatal destino naquela curva fôra mesmo uma benção. Não fazia mais sentido continuar com aquilo. A vida outrora sentida como verdadeira lição de auto-ajuda agora me aparecia como simples inutilidade. Em verdade, se me apresentava como uma vida muito besta.

Fui contaminado por todas estas nefandas sensações de auto-imolação. Havia algo de cruel em todos aqueles meus pensamentos, mas acabava sempre por concordar com a conclusão: minha vida tinha sido inútil até ali. Não havia nada a escrever. E já, naquele momento, duvidava que este meu possível legado fosse acolhido com genuína reverência e curiosidade por parte de meus filhos e de minha esposa. Ainda que eu tivesse algo superior a escrever sobre mim, sobre o mundo, duvido que tivesse chamado a atenção deles e duvido até que teriam a necessária compreensão de tudo aquilo. Não! Haveria por parte deles apenas desprezo. Um filho sempre demonstra a herança dos caracteres dos pais. Eis porque desprezariam qualquer coisa mais elevada que eu produzisse naquele momento. Seriam incapazes de compreender e, em compreendendo, incapazes de apreciar, posto que puxaram a mim. Eu poderia ter adquirido uma nova consciência e buscado, em questão de minutos, novas referências axiológicas devido ao meu trauma. Buscara em segundos um novo olhar para o mundo, mas que espécie de evento iria garantir o mesmo movimento de conversão dos meus familiares? Este evento não iria existir. Nem minha morte poderia abalar e dissolver o resistente verniz da frivolidade que eu apliquei incessantemente sobre eles, camada após camada, todos os dias de nosso convívio. Pagaria o cruel preço da cultura rasteira que havia deixado a eles em vida. Percebi que não somente eu levava uma existência abjeta, mas também tinha impingido este fardo ignominioso a outros seres humanos próximos a mim e, portanto, não poderia ser absolvido.

Percebi então que esta completa inversão de meus julgamentos naquele momento não poderia ser imputada exclusivamente aos meus traumatismos. Algo adicional e ainda não percebido por mim deveria ter se fiado junto de meu sofrimento para produzir aquele inesperado efeito. Não era possível que um simples acidente tivesse me propiciado um olhar completamente invertido para minha vida pregressa. Sim! Refletindo um pouco, havia encontrado a origem da nocividade. Aquela coruja que topou com o pára-brisa de meu carro deveria estar portando um germe letal que me contaminara na batida. Ela deveria ser um maldito receptáculo do insidioso veneno que corria agora em minhas veias,

turvando completamente meus juízos sobre mim mesmo e minha família. Mas no lugar onde me encontrava não havia antídotos para aquilo. Estava mesmo entregue ao jogo de forças que se emaranhavam em meu interior. Sentia que o maldito germe se reproduzia e crescia dentro de mim e tomava para si os antigos territórios da ignorância. Nada parecia ficar de pé. Minha vida havia desmoronado ante a luz que a iluminava agora.

Num último esforço pela vida, forcei novamente a porta e tentei quebrar o vidro a fim de que pudesse gritar mais alto. De repente, notei que tudo isso era uma enorme tolice e um dispêndio extravagante de energia. Que faria eu com a porta aberta ou com a janela sem vidro? Poderia gritar novamente, mas para quem? Só havia uma mata fechada e os animais noturnos à minha espreita. A bem da verdade, estava começando a ficar aterrorizado. Sim, já sabia que iria morrer em breve, mas ter consciência de que minha carcaça seria atacada de forma voraz, antes mesmo de meu corpo esfriar-se totalmente, causou-me arrepios. Nunca havia sentido tanto terror até ser atingido por aquela sensação. Já tinha aceitado meu fatal destino, mas queria morrer de forma honrada, digna, tendo o carro como meu luxuoso féretro. Pensar que seria arrastado dali por aquelas criaturas oportunistas me causava mais danos psicológicos do que a própria certeza da morte em si.

Todavia, se um homem vai morrer, que lhe importam os acontecimentos posteriores? Que se danasse aquela carcaça moribunda que já se tornava macilenta. O que restaria de mim após aquela morte trágica não seriam meus restos corporais, pois estes seriam, com toda certeza, o prato principal de um lauto banquete dos vermes sepulcrais. O que realmente sobraria de mim — se houvesse algo — seria o legado que, acabara de concluir inexistente, havia deixado em vida. E este legado era um legado de miséria. Enfrentaria todos os animais e insetos daquele matagal se tivesse a chance de mudar o curso de minha vida, mas já não tinha. E não porque estava morrendo. Não tinha a chance porque muito de minha vida já havia se transcorrido até aquele momento. Já me parecia tarde demais para uma mudança. Minha história já estava sedimentada e meus filhos já haviam assimilado a minha espúria influência. Não havia mais nada

a fazer a não ser se arrepender e aceitar que o castigo mais justo para aquele desperdício de existência era uma morte ignota. Já havia dito e voltei a sentir neste momento que a morte agora me soava justa.

Constatava-me, ainda, ver que meu único talento em vida, ao qual me dedicava com esmero, foi o de dissipar minhas forças vitais com inutilidades cotidianas. Comia, respirava, dormia, trabalhava, comia novamente... Tudo isso num nauseante e enfadonho ciclo. Entupia minha casa com todo tipo de bugiganga tecnológica e mobílias, e enchia as despensas de mantimentos para sobrevivermos obesos àquela guerra química. Trabalhava a semana inteira de forma incessante vendendo produtos às pessoas e nos finais de semana éramos nós os tão gloriosos e felizes consumidores. Era nossa vez de dissipar tudo aquilo que recebíamos por desperdiçar nossas vidas num cotidiano aparentemente feliz. Caíamos facilmente nas malhas das estratégias publicitárias incessantemente bombardeadas sobre nossas cabeças, mas não porque éramos imbecis. Sim, não se pode negar que éramos também reféns de nossa ignorância, mas havia aí uma cumplicidade tênue e invisível, pois aquilo parecia produzir satisfação. Se era duradoura, isso já é contestável, mas ao menos amortizava nosso suplício. O problema é que aquele era o mundo que foi apresentado a nós e não concebíamos nada diferente daquilo. Aceitamos as coisas como nos são dadas, uma vez que padecemos em nossa limitada visão naturalizada das coisas. Não era um homem de ciência, mas um homem de negócios. Era um profissional liberal, mas em essência um trabalhador como qualquer outro de minha categoria. Um homem de ciência avalia a realidade sob uma determinada metodologia a fim de produzir ou captar uma determinada lei ou causa dos fenômenos. Eu não era um homem de ciência, já disse. Assim, para um homem como eu, cabe apenas viver tal como foi ensinado desde criança, seja pela família, vizinhos, amigos, igreja ou grupos profissionais. Minha moral não era minha. Já disse que nunca construí nada de novo, nem para mim, nem para qualquer outro ser humano. O máximo que fiz foi reproduzir o que me foi dado. Repassei o que me foi passado: o sentimento de superioridade patriarcal, o orgulho da profissão, a ignorância das causas dos fenômenos naturais e sociais e o sentimento paradoxal de plenitude

em meio ao completo vácuo interior. Ensinei tudo isso aos meus filhos e já parecia estar de bom tamanho. E, até aquele inusitado momento, isso se apresentava como algo compatível com minhas forças e, talvez, algo até maior do que eu mesmo poderia realizar com minhas poucas potencialidades reais.

O que fazer agora? Como dizer a um homem de cinqüenta e dois anos que toda a sua vida fôra um ardiloso engodo? Como dizer a esta pessoa que sua vida não passara de uma mentira contada coletivamente até o presente momento e apresentada como o melhor dos mundos possíveis? Como esperar uma conversão dos rumos que esta vida poderia tomar? Como esperar que alguém nesta idade possa simplesmente fazer uma curva sem capotar seu precioso veículo? Não era possível. O dilema se apresentava da seguinte forma: ou se esquecia toda esta bobagem de consciência exótica e tardia ou então se aceitava que a morte era mil vezes preferível a ter que retornar àquela inverídica existência. A questão não aceitaria duplicidade. Ou se aceitava a dignidade da vida em morte ou então se contentava com a morte em vida. Optei naquele momento pela primeira. Assimilei aquela fatalidade como uma redenção de todos os males que causei a mim mesmo e aos meus familiares.

Momentaneamente, no entanto, decidi parar de atormentar minha pobre mente. Resolvi buscar algo de positivo naquela minha história de vida. Não seria possível que não encontrasse nada que me fizesse sentir orgulho. Ao menos uma coisa me haveria de parecer acertada no meio daquela imundice toda que eu havia produzido para mim mesmo. Busquei novamente nas frestas mais recônditas de minha alma algo que me fizesse lutar pela vida. Algo que me permitisse usar como apoio moral para deixar de lado a tétrica idéia de sucumbir ante aquela desastrosa situação. Procurei incessantemente por algo belo em mim e não encontrei nada. Nenhuma frase capciosa ou arguta; nenhum gesto nobre de minha parte que fosse verdadeiramente nobre e verdadeiramente desprovido de interesses escusos; nenhuma construção edificadora a mim mesmo ou à sociedade. Nada de bom havia me acontecido. E nesse momento de cruel e realista constatação encontrei um alento. Um breve sopro aqueceu meu regelado coração abatido. Havia algo... Algo bem pequeno e lépido, mas havia algo. Por

estranho que pareça, aquele encontro trágico e casual com a coruja em meu pára-brisa parecia fazer todo o sentido do mundo. Se me apresentava agora como a coisa mais edificante de toda minha existência e, apesar das trágicas conseqüências daquele encontro, aquilo tinha revelado a mim uma realidade verdadeiramente real de minha vida. Por aquele encontro fui tragado aos mais sombrios desertos da alma, mas ao menos eram desertos reais. Não havia nada de fictício naquilo tudo. Sofria e iria morrer desalentado por causa daquele inesperado encontro, mas com isso eu morreria feliz de ao menos ter vislumbrado por um dia uma centelha de realidade ao longo de toda a minha falaz vida. Graças a ela, poderia agora atravessar o rio sorridentemente. Não tinha, naquele exato instante, muitas moedas para pagar o barqueiro, mas as moedas que portava no momento eram de ouro. Não o ouro dos tolos. Um ouro que não reluzia tanto quanto os que adquiri em minhas antigas transações, mas era de um material mais nobre e puro. Nada havia de falsidade naquelas minhas novas moedas.

De repente, ouvi o leve marulhar de água e a superfície do rio que eu avistava começava a se ondular. Os reflexos daquela noite já estavam se dissolvendo pela agitação daquela superfície. Olhei no horizonte e pude ver a figura do barqueiro que se aproximava. Jamais acreditei nas histórias da mitologia antiga, mas a realidade se dissolvia ante meus olhos e meu último adeus era preparado. Já não sentia mais meu corpo nem as dores de outrora. E o barqueiro se aproximava. Deixaria que me levasse sem resistência alguma, pois já havia sido remunerado com moedas reais no final de minha vida tola. Iria partir com a certeza de não ter deixado nada a ninguém que não fosse um exemplo negativo a não ser seguido. Pena não poder escrever esta história. Não importava mais naquela altura. Levaria comigo a lição: a lição do desperdício. E eis que o barqueiro encostou-se à margem e me olhou no fundo dos olhos. Pude sentir novamente uma certa hesitação, mas estava decidido. Iria embora sem peso na consciência, uma vez que enxergara que nada mais havia a ser feito nesta altura da vida. Assim, não tendo nada a escrever, resolvi deixar-me apagar. Já era um fogo morto que melhor se encontraria extinto. Fechei os olhos novamente por

algum tempo e só então pude perceber uma movimentação na mata. O inusitado aconteceu novamente.

Senti um leve tapa no rosto e uma pequena sacudidela. As imagens que se formavam em minha retina encontravam-se turvadas ainda pela debilidade dos meus sentidos. Já estava preste a desfalecer. Mesmo assim pude distinguir as figuras de quatro homens trajando seus plúmbeos uniformes. Traziam consigo aparatos de emergência médica e me deram um líquido para sorver em um canudo. Falavam comigo coisas incompreensíveis e se moviam apressadamente. Tentei perguntar como me encontraram e ordenava a eles que me deixassem falecer tranqüilamente. Já tinha chegado à conclusão que o resgate que eu necessitava não era naquele momento de minha vida, mas muito anteriormente. Gritei que me deixassem em paz, mas, ao que parece, me ignoraram por completo, ou, então, não consegui proferir aquela minha vontade de forma inteligível, pois continuavam a trabalhar incansavelmente no meu salvamento com o mesmo ímpeto e de maneira resoluta.

Ouvi um som estridente. Algo que me pareceu ser um barulho de uma serra incidindo seu corte sobre o metal. Rasgaram minha calça na altura da coxa e pude ver que as mãos daqueles heróicos homens se mancharam de um vermelho muito vivo. Um colete foi colocado em meu pescoço e fui deitado e amarrado a uma padiola. Subiram com meu corpo e quando despertei realmente já estava deitado a uma maca num hospital. Fui resgatado por homens que davam demasiado valor a vidas que não valiam tanto assim. Justamente quando enxerguei que minha vida tinha valido muito pouco até ali e que finalmente me deixaria morrer com tranqüilidade, fui “salvo”. Isto é, voltaram a me fazer respirar e meu sangue correr novamente. Mas sabia em meu íntimo que jamais poderiam me salvar de fato. Jamais poderiam resgatar a minha vida perdida, pois fui um perdulário das jóias mais preciosas. Assim, não tendo mais nada a dizer, me silencio”.

* * *

Essa foi uma carta encontrada em cima de uma escrivaninha e deixado por nosso auspicioso homem de negócios. A partir do momento em que foi resgatado e levado para o hospital, parecia que sua vida seguiria novamente por aquelas águas tranqüilas. Sua mulher e seus filhos correram desesperados ao seu encontro e se alegraram ao vê-lo bem. Preocupavam-se muito com aquele homem que, embora inculto, era muito querido por todos aqueles que se beneficiavam de seu extenuante labor.

Ficou internado por alguns dias, mas logo pôde retornar à sua casa e ao convívio daquelas figuras adoráveis que tanto se lamentavam pelos traumatismos sofridos pelo pai e pelo seu carro luxuoso. Sorte que aquele homem havia se restabelecido e sorte também que o carro possuía seguro, pensaram. Estranhavam somente o espírito taciturno que acompanhava o pai (ou marido) desde sua volta para a casa, mas julgaram ser aquilo apenas uma inevitável seqüela do acidente. Os médicos juravam que não havia nenhum dano cerebral naquele pobre homem, mas sua esposa duvidava da capacidade da medicina de avaliação, principalmente quando o problema não era necessariamente físico.

Naquela mesma semana, numa silenciosa madrugada, aquele homem se levantou e se dirigiu ao seu escritório. Tomou algumas folhas de papel e as estendeu sobre a mesa. Tomou uma caneta e se pôs a escrever esta carta lida acima. Ao acabá-la, acendeu um cigarro... Depois outro e depois mais outro. Manipulava a caixinha que os abrigou e sorria diante da propaganda hipócrita que avisava sobre os malefícios daquela droga. Ria principalmente por saber agora da ineficácia do apelo racional perante os néscios. Ria também devido à ironia que se apresentava entre aquele aviso e sua mais nova e inexpugnável resolução. Na manhã daquele mesmo dia foi um choque para seus filhos e para sua esposa assistirem àquele cianótico corpo de um pai dedicado aos negócios que se enforcara desprovido de qualquer ilusão sobre sua vida.

FIM